

Atibaia não vai à praia: a análise de uma imagem



Carlos Costa

Doutorando em Ciências da Comunicação (ECA-USP)
Coordenador de Ensino de Jornalismo e professor
da Faculdade Cásper Líbero
E-mail: crcost@uol.com.br

*O tempo que altera as pessoas não altera
a imagem que guardamos delas.*

Marcel Proust

*A imagem tem significação porque existem
pessoas que se perguntam pelo seu significado.
Uma imagem em si não significa nada.*

Lorenzo Vilches

Resumo: Este artigo analisa uma foto da turma de funcionários do Fórum de Atibaia, em São Paulo, em 1929, utilizando como material de abordagem as teorias de Lorenzo Vilches, Pierre Bourdieu, Boris Kossoy e Martine Joly, entre outros, sobre os usos da fotografia e a leitura da imagem. E recupera as histórias dos personagens retratados por meio de entrevista com três de seus descendentes, utilizando para isso os estudos de Ecléa Bosi sobre a memória dos idosos.

Palavras-chave: fotografia, memória, leitura de imagem.

Atibaia no va a la playa: analisis de una imagen

Resumen: El artículo analiza una fotografía de los empleados de la Justicia de Atibaia, Estado de São Paulo, en el año 1929, utilizando como referencial teórico los estudios de Lorenzo Vilches, Pierre Bourdieu y Martine Joly, entre otros, sobre los usos de la fotografía y la lectura de la imagen. Y recupera las historias de los personajes retratados por medio de entrevistas con tres de sus descendientes, utilizando para ello los estudios de Ecléa Bosi sobre la memoria de los mayores.

Palabras-clave: fotografía, memoria, lectura de imagen.

Atibaia doesn't go to the beach: an image analysis

Abstract: This article analyzes and describes an old picture of the team of employees of Atibaia Justice Court, in São Paulo State, shot in 1929, using as approach the studies of Lorenzo Vilches, Pierre Bourdieu, Boris Kossoy and Martine Joly about photography and the reading process of the image. Based on Ecléa Bosi's theories on remembering, the author recomposes the story of all people in the picture, interviewing three of their descendents.

Key words: photography, memory, reading an image.

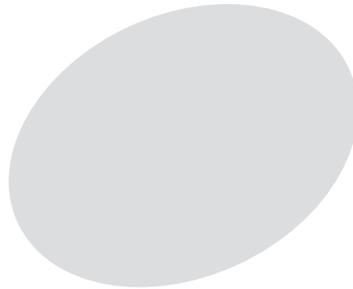
Introdução: a foto que se impõe

Alguns temas, mais do que escolhidos, acabam se impondo. Ao iniciar a redação deste artigo, às voltas com pesquisas de imagens em revistas antigas, decidira que o ponto de partida seria um dos primeiros números da revista *O Cruzeiro*, o sexto – de 15 de dezembro de 1928. Uma “edição consagrada às Praias de Banho”, esse exemplar fora comprado na feira de antiguidades que se arma aos domingos no vão do Museu de Arte de São Paulo, na Avenida Paulista.

A idéia era escrever sobre esse exemplar da revista, enfocando as imagens. Mas a leitura do texto *Imagem e memória*, de Olga Rodrigues de Moraes von Simson (Simson, 1998) ampliou a idéia: por que não buscar,

em álbuns de família, fotos de grupos de pessoas nas “praias de banho”, comparando instantâneos familiares com as imagens publicadas naquele exemplar da revista? Como no edifício onde resido, no bairro paulistano de Perdizes, vivem muitos casais de idade avançada, achei que poderiam, com seus álbuns de fotografias, ser a fonte nessa busca inicial.

As fotos nos álbuns dessas famílias pareciam apenas confirmar a frase de Bourdieu de que “não há casamento se não houve foto”



A acolhida dos vizinhos idosos ao convite para uma bisbilhotada em seus álbuns de retratos acabou se revelando mais favorável do que havia suposto de início. Mas meia dezena de fins de noite tomando café em companhia desses vizinhos e a busca se revelou infrutífera. As fotos da década de 20, que eu buscava nos álbuns dessas famílias, pareciam apenas confirmar a frase de Pierre Bourdieu de que “não há casamento sem fotografia” (Bourdieu, 1965:40). No entanto, não encontrei fotos de pessoas na praia, e quando as havia, eram posteriores aos anos 50 – e aí, como fazer o contraponto com a edição de *O Cruzeiro*, mostrando as praias no final de 1928?

Na época dessa busca, mudara-se para o prédio um casal com as características buscadas. Esses novos vizinhos, Antônio Carlos de Toledo Santos e Lia Torres de Toledo Santos, vinham de Atibaia. E lá fui com a pergunta intrusa. Numa noite de domingo, com desculpas por ainda não terem acomodado seus livros e quadros no apartamento recentemente reformado, me recebem fraternalmente. E, como vinha aprendendo

nas leituras que fazia então, as fotos do casal estavam guardadas numa caixa, como descreve Bourdieu:

Na maioria das casas interioranas, as fotografias são “fechadas” numa caixa, à exceção da foto de casamento e de alguns retratos. Seria indecência ou ostentação expor aos visitantes imagens de membros da família. A grande peça comum, a cozinha, recebe uma decoração impessoal... As fotografias cerimoniais são muito solenes ou muito íntimas para estar expostas no espaço da vida cotidiana (Bourdieu, 1965:45-46).

Nessa primeira visita aos Toledo Santos, com o respeito que pedem as imagens-relicário (Kossov, 1998:44), algumas preciosidades foram desveladas numa sessão especial de “detona memória”, para utilizar o conceito de Miriam Moreira Leite (1998:37-40). Foi assim com a foto de formatura da turma de 1896 do Colégio Hubert, de Atibaia: Lia e Antônio Carlos olhavam a foto e lembravam de alguns daqueles garotos, que conheceram já maduros. Mas o “punctum”, a foto que deu o estalo, não foi essa ou alguma outra raridade, nem mesmo uma cena de praia, como buscava para compor um artigo. A foto que se impôs foi outra, em que o pai de Antônio Carlos, o Sr. Benedito Oliveira de Toledo Santos, aparece no grupo dos funcionários do Fórum de Atibaia.

Essa era uma foto já conhecida: o juiz que posa no centro da cena vem a ser o bisavô de meus filhos – e em outras tardes e em outro contexto familiar, quando para entreter o tempo, ou para doutrinar o recém-chegado ao núcleo familiar (Bourdieu, 1965:46), álbuns de retratos eram repassados, aquela foto já me fora apresentada.

No verso da foto desse grupo forense, produzida pelo estúdio Photographia Atibaiana, de Alfredo André, uma legenda manuscrita, colada precariamente com fita adesiva, identificava os vinte personagens. Ali está: a figura do centro é o magistrado Arthur Moreira de Almeida, cujo livro de memórias era preparado para publica-

ção pela museóloga e dublê de historiadora Lolita Engler de Almeida, filha do juiz. Dona Lolita, possuidora de outra cópia dessa mesma foto, ainda estava em busca da identificação de um dos membros do grupo – no caso, o nome do Delegado de Polícia que servia em Atibaia no ano em que a foto foi batida. Em troca, ela tinha para revelar a data em que fora realizado o registro fotográfico: 1929.

Decidi então fazer desta foto-que-se-im-pôs o objeto deste trabalho. Mas... e a praia? E o contraponto com a revista *O Cruzeiro*? Conhecedor do livro de memórias do juiz Arthur Moreira de Almeida, sabia da existência de um saboroso relato de uma temporada familiar na praia de Itanhaém. Neste caso, a foto do grupo em frente ao Fórum remeteria a este relato, e este abriria caminho para a reportagem de *O Cruzeiro*. E, com isso, Atibaia iria à praia.

Na conversa seguinte, com dona Lolita, aconteceu o impasse: havia, sim, um relato escrito pelo juiz, sobre as férias da família em Itanhaém, mas isso ocorrera nos começos de 1943. Seria anacrônico, então, realizar a triangulação da foto do magistrado e seu grupo forense, registrada em 1929, com as fotos das praias de *O Cruzeiro*, de 1928, e o relato das férias em Itanhaém, ocorridas treze depois. Então, Atibaia não iria à praia. Mas a foto do grupo forense seria analisada.

Por isso, nos deteremos apenas ao exercício de “ler” o que a foto dos vinte rapazes tem a nos dizer, e “ouvir” as histórias que a cidade contava sobre esses vinte bravos homens de seu Fórum de Justiça.

O álbum de família, um relicário

Não por coincidência, tanto Olga Rodrigues de Moraes von Simson, como Armando Martins de Barros usam o filme *Blade Runner* para introduzir o tema da foto de família, como um recurso de remeter o observador ao passado, o qual, por sua vez, retorna ao presente, atualizando-o. Escreve Martins de Barros:

Em *Blade Runner*, os replicantes, desejando-se libertos, roubam fotografias de álbuns de família no intuito de, ao transferirem para si uma memória privada, presentes nas imagens, adquirirem uma identidade histórica. As fotografias, assim, lhes servem de passaporte para um passado que os autoriza ao humano presente (Barros, 1998:122).

No texto de Moraes von Simson se lê:

Na verdade, desde os anos trinta e quarenta, com a “democratização” do registro fotográfico mediante o surgimento de máquinas fotográficas de operação muito simples e relativamente baratas que permitiram a fixação rápida e fácil de “instantâneos”, a vida dos grupos sociais e dos indivíduos passou a ser registrada muito mais pela imagem do que pelos livros de memórias, cartas ou diários. E a memória individual e familiar passou a ser construída tendo por base o suporte imagético. Não temos muita consciência de tal fato, mas, como a replicante de *Blade Runner*, estamos constantemente nos valendo de imagens instantâneas da nossa vida, registradas em papel fotográfico, para detonar o processo de recordar e assim construir a nossa versão sobre os acontecimentos já vivenciados. Dessa forma, é o suporte imagético que, na maioria das vezes, vem orientando a reconstrução e veiculação da nossa memória (Simson, 1998:22).

Em seu livro *A câmara clara*, Roland Barthes já havia apontado o lado detonador da foto como troca e comunicação. “Mostre suas fotos a alguém”, escreve ele, “e essa pessoa logo mostrará as dela: ‘Olhe, este é meu irmão; aqui sou eu criança’, etc.” (Barthes, 1984:11). Mas a fotografia, sobretudo a do clã familiar, possui ainda essa outra virtude, de ser um elemento detonador do processo de memória. A foto antiga consegue exercer uma profunda atração. É capaz até de mudar o clima da reunião de família, como exemplifica Pierre Bourdieu, ao transcreever o relato de uma leitora da revista *Elle*:

Numa grande família, todos sabem que mesmo uma boa reunião não impede que

primos, primas, tios e tias tenham às vezes conversas tumultuadas ou aborrecidas. Quando eu sinto que o tom vai subir, tiro o álbum de nossas fotos de família. Todos se animam, se surpreendem, se re-encontram crianças e depois adolescentes; nada pode amaciá-los tanto e tudo rapidamente volta à ordem (relato de uma leitora, publicado na revista francesa *Elle* em 14/1/1965) (Bourdieu, 1965:30).

Míriam Moreira Leite, citando o escritor Milan Kundera, diz que a memória funciona através de imagens fixas, como retratos: a memória não filma, ela fotografa. “As metáforas do tempo nas fisionomias e corpos das pessoas são análogas nos álbuns de família, onde quase todos nós tivemos nossas primeiras aulas de história” (Leite, 1998:39). A atração dos retratos de família corresponderia, segundo ela, a uma necessidade de identificação com sua imagem. A necessidade de ver como os outros nos vêem e procurar as ligações com o eu interior, que se dissocia por meio da busca das semelhanças e dos contrastes nos outros e nas metamorfoses que o tempo inscreve naquele presente atual ou transcorrido. Pierre Bourdieu constata:

Se a imagem fotográfica, essa invenção insólita, que poderia desconcertar e inquietar, se introduz e se impõe tão rapidamente, foi porque ela veio preencher funções que preexistiam a sua aparição, a saber, a solenização e a eternização de um tempo forte da vida coletiva. A fotografia de casamento só pôde ser aceita tão rapidamente e tão generalizadamente porque ela encontrou as condições sociais para sua existência: a ganância fazendo parte da conduta da festa, a compra da fotografia de grupo, despesa ostentatória a que ninguém poderia se furtar sem faltar à honra, é sentida como obrigatória, a título de uma homenagem prestada aos casados (Bourdieu, 1965:40).

Ao examinar uma fotografia, cada observador acaba relacionando-a sempre consigo, procurando discernir em si mesmo o que talvez não percebesse sem a visão daquela imagem.

Assim, tenho agora à minha frente a foto de Alfredo André, tirada em 1929. A moldura me diz que André é do Estúdio Photographia Atibaiana. Essa informação sobre o fotógrafo elimina hipóteses – já não posso pensar que ele seria, talvez, um dos tantos lambe-lambes que percorriam o Brasil registrando fotos de cerimônias, ou – décadas depois – montando álbum com o rosto das crianças de um lar, ou eternizando o olhar do estudante, pena em punho, sentado na carteira escolar, mapa do Brasil ao fundo. Só depois, ouvindo o relato de dona Lolita, dona Lia e o Sr. Antônio Carlos, saberei que o fotógrafo também faz parte da cena.

Diante da foto, me detenho. Quase nada sei, ainda, sobre os personagens. E me faço a mesma pergunta formulada por Boris Kossoy: o que há por trás do olhar e da pose das personagens deste retrato? Que há neste grupo de homens engravatados, alinhados em seus paletós e mangas engomadas, que escapa à minha compreensão? (Kossoy, 1999:57). Segundo esse pesquisador, seja enquanto documento para a investigação histórica, objeto de recordação ou elemento de ficção, a fotografia esconde dentro de si uma trama, um mistério. Que mistérios guardam esses empertigados senhores que vejo nesta foto?

Partamos, então, para realizar a arqueologia da foto encontrada, seguindo a metodologia proposta por Kossoy. A primeira etapa é facilmente atendida. A foto tem uma data – não em seu suporte, mas na memória de uma das fontes. O fotógrafo deixou sua marca na moldura. E as duas fontes o localizam: além de estar presente na foto, por ser um dos funcionários do Fórum de Atibaia na época, Alfredo André era um dublê de proprietário de jornal e seu redator principal. Também o assunto está definido, esta é uma foto de equipe, talvez uma foto de inícios ou de fim de ano, espécie de congratamento entre os pares.

A segunda etapa exige lupa, boa iluminação e a observação atenta para a “recuperação do inventário de informações codificadas na imagem fotográfica: trata-se

de obter minuciosa identificação dos detalhes icônicos que compõem seu conteúdo” (Kossoy, 1999:58). A isso vamos, seguindo alguns dos passos recomendados por Marie-Claude Vettraino-Soulard em sua espécie de manual de leitura iconográfica (Vettraino-Soulard, 1993).

● O grupo olha circunspecto: análise da foto

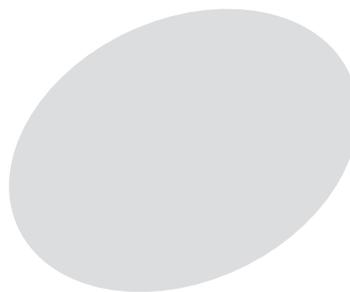
São 20 homens, funcionários do Fórum de Atibaia. Estão distribuídos em três filas: sete, sentados, na primeira; oito, em pé, na segunda; e cinco, também em pé, sobre um suporte, na terceira fila. Todos estão de terno, em roupas formais. Deles, dezesseis usam o terno completo, o que inclui o colete. Os coletes são de 5 botões e os atibaenses da foto usam-nos com todos os botões fechados – e, de quatro deles, se pode ver a corrente do relógio saindo da casa do segundo botão e indo em direção a um bolso sob o paletó. Três usam gravata borboleta e quatro estão com camisa de gola levita ou de “pontas quebradas”. Três dos homens vestem paletó cruzado, no estilo jaquetão. Em dois personagens do grupo nota-se que as mangas do paletó trazem um jogo de três botões. Quatro destes senhores exibem um lenço branco no bolso frontal esquerdo do paletó. Curiosamente, nenhum dos homens da primeira fila usa o lenço de enfeite. É possível notar, observando atentamente o segundo e o quarto homem da primeira fila, que levam os punhos das mangas engomados. Pode-se perceber, no braço esquerdo do quarto homem (o juiz), que abaixo do punho engomado está o punho de base da camisa. Era costume, então, engomar punhos e colarinhos separadamente: eram detalhes móveis que se abotoavam à camisa.

O tom dos trajés é predominantemente escuro. Há apenas quatro senhores com ternos que podem ser marrom, bege escuro ou cinza bem claro.

Pelo que se observa nos sete senhores da primeira fila, e algum outro que se vislum-

bra atrás, os sapatos são escuros, de amarrar, com séries de seis furos para trançar o cadarço. Apenas o sexto da primeira fila (um dos três homens do grupo que aparenta mais idade) usa um par de botinas. As meias têm no geral um tom escuro, mas o último da primeira fila usa meias num tom cinza bem claro, talvez fossem brancas. Destoa nisso o terceiro personagem da primeira fila, por ostentar um par de meias três-quartos listrado.

Do grupo, cinco homens usam o bigode aparado. Apenas um, o do meio na terceira fila, tem um bigode avantajado, compondo com um cavanhaque afilado.



Recuperar o inventário de informações codificadas na imagem pede minuciosa identificação de detalhes icônicos que compõem seu conteúdo, ensina Kossoy

Dezessete olham atentos para a câmara, mas em cada uma das três filas um dos personagens não olha para a objetiva. O segundo da primeira fila, o quarto da segunda fila, o segundo da terceira fila. Apenas o juiz, chefe do grupo, a figura no centro da primeira fila, parece sorrir. Talvez a expressão confiante de dever cumprido. Há um olhar misto de seriedade e espera no penúltimo homem da segunda fila e também no penúltimo da terceira. Poder-se-ia pensar que essa expressão entre o sério e o contrariado fosse resultado do movimento de comprimir os olhos para evitar o excesso de claridade do sol, mas a foto não apresenta sombras nítidas, o que faz supor luminosidade normal.

O juiz usa óculos – e como ele mais outros três homens.

Os homens sentados na primeira fila



trazem braços e mãos apoiados nas pernas – mas não há uma coincidência de gesto. Os três primeiros têm os braços entrecruzados sobre as pernas, a seguir três apóiam braços e as mãos sobre a perna correspondente. Apenas o quinto homem cruza os braços sobre o peito – movimento que também faz o quarto homem da segunda fila.

Agora podemos dar a volta à fotografia e ver o que diz a legenda manuscrita no verso. Ali está discriminado. Primeira fila, sentados: Oswaldo Barreto, escrivão do júri¹; Antônio de Toledo Santos, 2º Escrivão; Dr. Carlos Marques Vianna, delegado

de polícia; Arthur Moreira de Almeida, juiz de Direito; Leopoldo Augusto de Oliveira, Promotor Público; Izaías A. da Silveira, Juiz de Paz; Benedicto Alvim, 1º escrivão; na segunda fila, em pé: Arnaldo Barbosa, solicitador; Carlo Robiola, engenheiro; Dr. João Pires de Camargo, advogado; Benedito dos Santos, escrevente do 2º ofício; Manoel de Toledo, solicitador; Alfredo André, solicitador; Fausto Passos, escrivão de Paz; Homero Menezes². Na terceira fila, em pé: Dario José de Almeida, escrevente do 2º Ofício; Virgínio Francisco de Paula, escrevente do Cartório do Júri; José Francisco de Paula, oficial de Justiça; José Preto da Silva, distribuidor, Raphael de Oliveira Lima, oficial de Justiça.

Como escreve Kossoy, milhões de imagens foram destruídos desde o advento da fotografia, inúmeras em virtude de catástrofes e guerras, porém a maioria, certamente, pela própria vontade do homem... (Kossoy, 1999:128). Nos dias apressados em que vivemos, as fotos e os álbuns anti-

¹ A discriminação dos cargos de cada um dos personagens não está na legenda afixada atrás da foto, mas foi retirada da legenda que esta mesma foto recebe no livro *Reminiscências de Minha Vida, Memórias de um Magistrado, Vol. V*, a autobiografia do magistrado Arthur Moreira de Almeida, editada pela museóloga e historiadora Lolita Engler de Almeida.

² A legenda no verso da foto é bem clara: este é o único homem do grupo que não é funcionário do Fórum. No entanto, a historiadora Lolita Engler de Almeida o descreve como solicitador do mesmo Fórum.

gos ocupam espaço demais nos apertados cubículos que habitamos nas grandes cidades. Das fotos que escaparam da destruição, essa gente toda, chamada por Kossoy de “inquilinos desconhecidos da memória”, deve ser de alguma forma desalojada, despejada. Até porque:

Inúmeros estranhos co-habitando álbuns danificados e velhas caixas de sapato onde se amontoam cartas saudosas e antigas fotografias, passam a ocupar muito espaço nas casas dos descendentes afastados. Neste processo de deterioração da memória familiar, imagens de pais e filhos, maridos e mulheres, irmãos e parentes se separam definitivamente. Holocausto da representação, ruptura da memória. Entre os sobreviventes da destruição física restam poses e rostos esmaecidos tomados em fundos de quintais desreferencializados. Fantasmas da memória: sem passado e sem futuro (Kossoy, 1999:128).

Não foi esse o destino que coube à foto da turma do Fórum de Atibaia. Ela é guardada com carinho ao menos por dois descendentes daqueles homens. E como a sorte nos coloca diante dessas fontes ricas em memória, tentaremos perfazer o caminho da reconstituição, esse “exercício fascinante que é o de devolver aos rostos e cenários perdidos sua identidade, sua localização, sua referência, resgatando assim a substância documental às representações fotográficas daqueles que um dia viveram, amaram e sofreram, ou das coisas que foram criadas, pensadas, construídas e que se perderam ou desapareceram” (Kossoy, 1999:129).

Resgate do passado: a lembrança dos maiores

E assim chegamos às lições de Ecléa Bosi em seu livro *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. Nesse mergulho profundo na recordação dos idosos, a autora começa nos guiando pelo pensamento de Henri Bergson. Bosi nos fala das duas memórias, a memória-hábito e a lembrança pura ou

imagem-lembrança. A primeira coordena as atividades meio automatizadas do dia-a-dia, enquanto a segunda traz à tona momentos únicos, singulares e não repetidos da vida. Daí seu caráter não mecânico, mais evocativo. Sonho e poesia, diz a autora, são tantas vezes feitos dessa matéria que estaria latente nas zonas profundas do psiquismo.

Sempre apoiada no *Matière et mémoire* de Bergson, Ecléa Bosi pontua a espontaneidade e a liberdade da memória em oposição aos esquemas mecanicistas. “Bergson quer mostrar que o passado se conserva inteiro e independente no espírito; e que seu modo próprio de existência é um modo inconsciente” (Bosi, 1999:48). Ou seja, estimulada, a memória jorra em borbotões, tanto que, logo na apresentação, Ecléa dizia que

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afluíam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar, ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso escutar o infinito (Bosi, 1999:39).

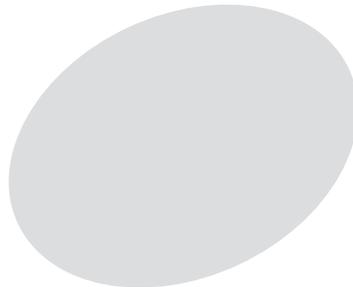
A lembrança é a sobrevivência do passado, e este, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança. Num segundo momento, Ecléa nos conduz pelo pensamento de Maurice Halbwachs, de quem toma o exemplo da experiência da releitura. Quando voltamos a ler um livro que nos cativou na infância, esperamos que a memória nos faça reviver aquela bela experiência juvenil. Mas o que acontece é diverso. Parece que ou estamos lendo um livro novo ou,

³ Beatriz Sarlo, em seu recente ensaio sobre a memória, discute o conceito da pós-memória, as lembranças que temos, influenciados pelas instâncias midiáticas, de fatos de que nem fomos contemporâneos (Sarlo, 2005:128-129).

pelo menos, um livro remanejado. Passagens que nos haviam emocionado na juventude agora perderam seu poder sugestivo. A criança valoriza mais o impacto das plantas exóticas, dos personagens misteriosos. Já o adulto passa de largo por esses aspectos e se detém preferentemente nos tipos humanos, nas descrições de costumes que, por sua vez, pouco diziam para a criança que éramos quando se deu a primeira leitura. Por isso, a autora conclui, parafraseando Heráclito, que “Não se lê um livro duas vezes” (Bosi, 1999:58). É exatamente essa a sensação que experimentamos, muitas vezes, ao visitar um lugar do passado, como a casa em que nascemos ou o colégio da nossa infância.

Na memória (e isso não o diz Ecléa) idealizamos o passado. Temos a tendência a dar cores mais harmônicas ao prédio da escola onde estudamos, sabores mais excitantes a pratos que comíamos. O gosto que fica ao visitar alguns lugares e pessoas do passado é de certo desapontamento, quando não um travo. Tudo era melhor e mais belo na idealização da lembrança.

As imagens na comunicação de massa se transmitem em forma de textos culturais, que incluem a própria imagem do espectador, ensina Vilches



Isso ocorre talvez por um outro fator que participa da reconstituição pela memória: ao reviver o passado, muitas vezes misturamos o que ouvimos de outros com nossas próprias recordações. Ecléa cita este trecho de Goethe: “Quando queremos lembrar o que aconteceu nos primeiros tempos de infância, confundimos muitas vezes o que se ouviu dizer aos outros com as próprias lembranças”³. Quando, afinal, discorre sobre a memória dos velhos, Ecléa Bosi afirma que:

Eles já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; eles já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de outra pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade (Bosi, 1999:60).

Ou seja, o velho não só se interessa mais do que o adulto pelo passado, como dispõe de mais tempo para rememorar, tomar nota, conferir, checar dados. Daí que há uma função social própria das pessoas mais idosas: a função de lembrar. Ecléa cita Halbwachs, quando diz que nas tribos primitivas os velhos eram os guardiões das tradições, não só porque as receberam mais cedo do que os outros, mas por disporem de tempo para fixar pormenores ao longo das conversações com outros iguais (Bosi, 1999:63).

Nessa linha de pensamento, ao velho caberia a função social singular de pensar o passado, de lembrar e de lembrar bem. É por isso, por dispor de tempo, que a pessoa idosa o dedica a recriar e refazer o passado. O velho pensa mais. No entanto, essa recriação é seletiva. O pensante de mais idade elimina arestas desse passado recriado, harmonizando-o. Por fim, citando Charles Bartlett em seu clássico estudo *Remembering*, Bosi conclui que “existe uma relação entre o ato de lembrar e o relevo (existencial e social) do fato recordado para o sujeito que o recorda” (Bosi, 1999:65). A memória, assim, ganha uma concepção bastante elástica: a lembrança é a história da pessoa e de seu mundo enquanto vivenciada por ela.

Os relatos que iremos ler a seguir sobre os

⁴ Novamente a reflexão remete ao belíssimo contraponto entre memória e subjetividade, realizado por Beatriz Sarlo em *Tiempo pasado*. Analisando os relatos e depoimentos de vítimas da ditadura militar argentina, Sarlo aponta para as armadilhas que nos prega a memória com suas recriações (Sarlo, 2005).



vinete funcionários do Fórum de Atibaia naquele ano de 1929 são a soma das recordações de dois filhos de dois dos personagens fotografados e a nora de um deles. Tal como esses três descendentes vivenciaram suas lembranças, somando a elas, sem dúvida, “causos” lidos ou ouvidos de outros (a hipótese psicossocial da memória), elaborando com essa matéria a sua memória⁴. A única maneira de saber exatamente o que se passava na vida daqueles personagens seria desenterrando-os. Esse desenterro é realizado simbolicamente no relato desses descendentes.

Com isso, retomamos o conceito de Lorenzo Vilches, de que “as imagens na comunicação de massas se transmitem em forma de textos culturais que contêm um mundo real ou possível, incluindo a própria imagem do espectador. Os textos lhe revelam ao leitor a sua própria imagem”. Na narração que fazem da foto em que se encontram com o pai já desaparecido, tanto Lolita como Antônio se encontram a si mesmos.

Os rapazes da foto na lembrança de dois idosos

É mais do que hora de passar às memórias de Lolita Engler de Almeida e Antônio Carlos e Lia de Toledo Santos. Acompanhem a descrição dos personagens da foto, criada tendo como referência as narrativas dos três, a partir da esquerda da primeira fila:

1. Oswaldo Barreto

Era o escrivão do Júri e chegou a ser provedor da Santa Casa da Misericórdia de Atibaia. Hoje, seu filho, José Roberto Lopes Barreto, é o Oficial do Registro de Imóveis de Atibaia. Nos comentários que fizeram sobre Oswaldo, as três fontes não quiseram se deter muito. Algo como “Não foi feliz no casamento, casou-se com uma ‘santista!’”, ficou no ar. Ao pedir uma explicação sobre o que era isso, uma “santista”, dona Lia de Toledo Santos comentou: “Todo santista adorava Atibaia. Havia ali até uma Pensão Santista.” A histo-

riadora Lolita Engler de Almeida pontua: pelo seu clima, Atibaia era a opção para Campos de Jordão para quem, naqueles tempos, buscava o ar da montanha – uma das terapias para a tuberculose. Dona Lolita escreve no livro de memórias de seu pai:

Nos últimos anos em que moramos em Atibaia deu-se um fenômeno a que poderíamos chamar de mudança sócio-econômica. Várias famílias, santistas na maioria, passaram a procurar a cidade em busca de um clima ameno para recuperação da saúde. E a pacata Atibaia foi perdendo aquele seu aspecto provinciano, calmo. (...) Vindos de cidades onde o custo de vida era bem mais elevado, (os santistas) encantavam-se com os preços dos produtos trazidos pelos sitiantes ao Mercado Municipal, aos domingos. E entre exclamações de “Vejam só, que barato!”, foram, sem o saber, despertando nos sitiantes a idéia de não mais se contentar com o que até então lhes parecia justo cobrar. Quando uma dona de casa, já antiga moradora da cidade, estranhava a subida brusca de preços e protestava, recebia rápida a resposta: “Pode deixar, os santistas compram”.

2. Antônio de Toledo Santos

Era o segundo escrivão e pai de Benedito Santos (o quarto da segunda fila), portanto, avô do senhor Antônio Carlos de Toledo Santos, o dono desta foto analisada e uma das fontes de sua interpretação. O segundo escrivão é descrito como homem severo e metódico: “Era daqueles que tinha um horário rígido para tudo, para o banho, para o almoço, para o jantar”, lembra Antônio Carlos de Toledo Santos. “Ele amava a organização e a ordem. Oficial de Cartório, foi aos poucos deixando aos cuidados do filho os que-fazeres cartoriais, porque o que gostava realmente era de enfronhar-se na carpintaria e passar horas construindo aviõezinhos, gaiolas e outros brinquedos para os netos. Adorava uma pescaria e soube viver bem.”

3. Dr. Carlos Marques Vianna, delegado de polícia

O personagem difícil de ser identificado na

foto. A historiadora Lolita Engler de Almeida há duas décadas buscava o nome do bacharel que ocupava o posto de Delegado de Polícia em Atibaia no ano da foto. Está identificado na legenda do exemplar da imagem pertencente a Antônio Carlos de Toledo Santos: “Também me custou muito essa identificação. Há alguns anos, entrei em contato com o Virgínio Francisco de Paula (escrevente do Cartório do Júri, o segundo da terceira fila). Ele se lembrava e me passou o nome do Dr. Carlos Marques Vianna”. Mas nenhuma das duas fontes tem mais informações sobre o elegante delegado que na foto usa meias listradas.

4. Arthur Moreira de Almeida

Juiz de Direito de Atibaia entre os anos de 1918 a 1931, quando é promovido a Juiz de Direito da 3ª Vara Criminal da Capital, posto que assume em 2 de março de 1931. A foto objeto deste estudo foi encomendada por ele, reunindo sua equipe à frente do Fórum de Atibaia. Equipe que merece rasgados elogios do magistrado em suas memórias: “Meus auxiliares na Justiça – escrivães, advogados, promotores, oficiais, todos corretos e cumpridores dos seus deveres”. O quinto volume de suas memórias é dedicado aos anos vividos na “Noiva das Montanhas”, nome que se dá a Atibaia. Arthur faleceu na capital em 1956. Eis o balanço que ele faz em suas memórias:

Nos últimos dias desse mês de março de 1931 retornei a Atibaia trazendo, então, a família para São Paulo, onde novos e promissores horizontes se descortinariam em nossas vidas. Ficavam para trás [...] treze anos de minha judicatura na Comarca, durante os quais sempre procurei em minhas sentenças e decisões, pautadas na integridade e espírito de Justiça, honrar e dignificar a minha toga.

5. Leopoldo Augusto de Oliveira

Promotor público, chegou a Atibaia vindo de Botucatu já meio adoentado. “Não sei se já lhe falaram, mas ele tinha um soluço”, comenta Antônio Carlos. “Vivia meio apres-

sado, tinha seus rompantes.” Dona Lolita acrescenta: “Ele era casado com Esmeralda Paranhos, uma senhora de Goiás, parente de Cora Coralina. Teve uma filha, Guilhermina, companheira nossa no Grupo Escolar José Alvim. O nome da escola era homenagem a um antigo chefe político local. O promotor era uma figura e tanto, sempre disposto a uma prosa. Mas tinha pressa em sair de Atibaia, queria que papai (o juiz Arthur Moreira de Almeida) interferisse para que ele também fosse removido para São Paulo. Na festa de casamento de minha irmã Lourdes, reclamava: “Esta água está demorando!”

6. Izaías A. da Silveira

O capitão Izaías era o Juiz de Paz – “Era quem substituía o Juiz de Direito em sua ausência”, esclarece dona Lolita. É dela o seguinte relato: “Para efetuar minha matrícula na escola, precisei de um atestado de idade, e quem o expedia era o capitão Izaías. Ele pediu para eu abrir a boca, analisou meus dentes e fez o atestado. Cheguei em casa e contei ao papai, ele exclamou: ‘Mandou abrir a boca e analisou os dentes, mas isso é coisa que se faz com cavalos’, e deu uma boa risada. O capitão era grande amigo do Major, como era conhecido o chefe político, cuja casa era ponto de encontro dos notáveis do local, juntamente com Clube Recreativo e o Hotel Municipal (o Hotel Municipal era gerenciado por um casal de alemães, Chico, um tipo mirrado, e Marta, uma mulher forte e exuberante). O juiz de paz Izaías dizia: ‘Hoje o major está impossível!’ e soltava sua gargalhada”.

7. Benedicto Alvim

Era o primeiro escrivão, conhecido como Zico Bim. “Sobre o Alvim prefiro não falar, era um tanto enrolador, havia o comentário que era homem de sorte, vivia ganhando na loteria”, diz Antônio Carlos, deixando no ar possíveis tramóias de uma época em que delegados e promotores também exerciam advocacia, muitas vezes utilizando prerrogativas de uma das fun-

ções em favor (ou não) de clientes de seu escritório de advocacia.

8. Arnaldo Barbosa

O solicitador na época da foto era estudante de Direito. Antônio Carlos e Lia pouco souberam dizer sobre ele. Dona Lolita tira algumas pérolas da memória. “Estudante, ele só vinha a Atibaia nas férias. Era irmão da minha professora do quarto ano primário, Maria do Carmo Barbosa, com quem também aprendi bordado. Jogávamos pingue-pongue no clube. Eles moravam na Rua da Estação, atual Avenida São João. Naquele tempo, as ruas de Atibaia não tinham calçamento. ‘Para quê calçar as ruas’, diziam, ‘se a água escorre tão bem!’. De fato, após as chuvas, era aquela areia tão branquinha! Saíamos a brincar com os passarinhos, Atibaia era uma cidade linda”.

9. Carlo Robiola

O engenheiro italiano marcou época na Atibaia da segunda década do século passado. “Construiu a casa da tia Davina, casada com Joaquim Pires de Camargo, com quem teve o Zito (João Pires, o próximo da foto). Era uma casa fantástica, com jardins, gradis, terraço na frente, uma novidade para os padrões conservadores de Atibaia”, conta Lia. “Construções sólidas, as do Robiola. Hoje, no terreno do que foi aquela casa, construíram o Banco do Brasil e o edifício da Caixa Econômica Federal, tão grande era a propriedade”, comenta Antônio Carlos. “Ele construiu também a casa do Totó Alves, homem de posses, pai da Dina, colega da minha irmã Chloé”, acrescenta dona Lolita.

10. Dr. João Pires de Camargo

Era advogado e contava com o apoio do juiz Arthur, comenta dona Lolita: “Papai depositava a maior fé em seu potencial, mas como juiz parece que ele não correspondeu. Era conhecido como Zito e terminou seus dias como juiz em Araraquara, onde hoje é nome de rua.” O jovem

advogado parece ter sido um dos partidos mais assediados da Atibaia de então. Teria sido um namorador e não perdia os bailes do Clube Recreativo – também frequentados, informa Lia, pelo pintor Benedito Calixto, que passava temporadas em Atibaia e deixou uma tela com uma vista de Atibaia que se pode apreciar hoje nas dependências do clube.

11. Benedito dos Santos

O escrevente do 2º ofício é o pai do dono da foto – Antônio Carlos de Toledo Santos. Com Antônio, a palavra: “Papai era um avançado para seu tempo, pensava em aposentadoria para as donas de casa, na mulher que trabalha no lar e não ganha salário. Naquele tempo, mulher tinha cabelo comprido, armado em coques. Uma vez, veio a São Paulo e levou mamãe no Hammel, o cabeleireiro mais famoso da época, e mandou cortar o cabelo curto. Causou sensação, pois nenhuma atibaiana exibia cabelos curtos. Ele chegou a ser provedor da Santa Casa de Atibaia, presidente do asilo dos vicentinos, e durante seis anos presidiu o Lar Mariquinha do Amaral. Também foi presidente do Clube Recreativo”.

12. Manuel de Toledo

Também era solicitador. “Mas o Maneco, como o chamávamos, não era bacharel em Direito, era um rábula. Pessoa experiente, atendeu a um sírio muito rico que um dia o procurou para tramitar seus documentos como brasileiro nato”, conta Antônio Carlos. “Mas o Tio Maneco desconfiou de que nem nascido aqui o sírio era. E não deu outra, ele pesquisou e a casa onde o sírio afirmava ter nascido só foi construída muitos anos depois de ele ter vindo à luz. Não me lembro em que época, mas esse meu tio também foi prefeito de Atibaia.”

13. Alfredo André

Solicitador, André era também o proprietário, diretor e redator do jornal semanal *A Cidade*. É ele quem assina a autoria da foto. “Alfredo

era o fotógrafo oficial da cidade”, lembra dona Lia. “Uma pessoa extrovertida, irrequieta, festa de casamento, batizado, reuniões do Partido Republicano Paulista, ele estava lá com a câmera e os seus aparatos. Para esta foto da turma do Fórum, ele deve ter dirigido a cena e um assistente fez o click”, palpita ela.

14. Fausto Passos

Era o escrivão de paz. “Um homem muito tranqüilo, de grande correção”, testemunha dona Lia, que trabalhou com ele como escrevente. “Estava sempre com um semblante sério, compenetrado. Era oficial da Justiça Civil e secretário da Junta Militar para o Serviço Militar.” Antônio Carlos acrescenta uma anedota: “Como ele sempre concordava com tudo, alguém chegou e lhe perguntou: ‘Por que o senhor é sempre tão tranqüilo e sempre está de acordo?’ Ao que o escrivão teria dito: ‘É para não contrariar as pessoas’. ‘Mas não pode ser assim, não se pode transigir o tempo todo!’, retrucou o interlocutor. Sereno, o escrivão concordou: ‘Sabe que o senhor tem razão?!’”

15. Homero Menezes

Há aqui a única discrepância registrada entre as fontes. Segundo dona Lolita, Homero teria sido um solicitador. Antônio Carlos considera hipótese pouco provável. “Nunca ouvi dizer que ele tivesse sido solicitador. Era um rico da cidade, morava na esquina da Benedito de Almeida Bueno com José Bim, em frente ao que é hoje o Mercado Municipal. Por ser enturmado com o Alfredo André, pode ter sido convidado para entrar na foto. Ele está para esta foto como Pilatos para o Credo.”

16. Dario José de Lima

Escrevente do segundo Cartório de Ofício, Dario trabalhava com Antônio de Toledo Santos. Nada se soube a respeito dele. Caberia aqui a pergunta de Barthes, na *Câmara clara*, diante da foto de Ernest: “É possível que ele ainda viva hoje em dia: mas onde? como? Que romance!”

17. Virgínio Francisco de Paula

Escrevente do Cartório do Júri na época da foto, onde aparece ao lado do pai, José. “Passou depois para o Cartório de Registro de Imóveis de Oswaldo Barreto e veio a sucedê-lo”, conta Antônio Carlos. “Era um exímio guitarrista”, lembra dona Lia. E dona Lolita conta outra anedota: “Um dia, fomos a uma festa e, chegando lá, se ouvia uma música bem tocada. Aproximamos-nos, e o jovem Virgínio ao reparar em nós, meio envergonhado e intimidado, continua tocando, mas abaixa os olhos e a cabeça, num movimento de querer esconder-se. Deve ter pensado, que vai dizer a filha do juiz?”.

18. José Francisco de Paula

Oficial de Justiça e pai do violonista Virgínio, José teria chegado a Atibaia procurando um filho perdido e ali se fixou. Figura muito popular, era o “Zé Bandeiro”, quem nas festas populares como as cavalcadas e as congadas do Divino saía à rua arrecadando prendas e donativos para animar as quermesses. Em seu livro de memórias, o magistrado Arthur apontava que “Atibaia é uma das únicas cidades paulistas onde ainda se vêem cavalcadas e congadas, reminiscências de remotas usanças que já vão desaparecendo na noite dos tempos”.

19. José Preto da Silva

Distribuidor do Fórum, ele era também correspondente e revendedor de publicações. “Juca Preto era representante do *Tico tico*, famosa revista infantil, que íamos buscar em sua casa”, conta Lolita. “Na porta de sua casa havia uma placa: Sucursal de *O Estado de S.Paulo*”, conta dona Lia. Sobre o dublê de jornalista, Antônio Carlos relata pitoresca anedota: “Ele namorava uma moça que havia sido meio noiva do escrivão Fausto Passos. E a roubou para casar. Uma mulher um tanto esquizofrênica, para ir à igreja ela tinha que passar em frente à casa do Fausto. Então, ao se aproximar, saía da calçada e caminhava pelo meio da rua até passar da casa do escrivão. Aí, voltava para a calçada outra vez. Ah, o Juca foi muito

paciente com a mulher, ela era dada a ataques. Você estava ali conversando com ele e de repente começavam a voar tesouras...”

20. Raphael de Oliveira Lima

Distribuidor ou Oficial de Justiça, era uma figura bastante popular em Atibaia. “Com o tempo acabou se revelando um exímio abatedor de suínos e caprinos, era a ele que a vizinhança apelava em época de festas. Raphael granjeou fama pela precisão da estocada, pela pontaria. O porco morria em questão de segundos. Era sempre assim, quem tinha um cabrito para sacrificar, chamava o Raphael. Em época de fim de ano, ele quase não conseguia dar conta de tanta encomenda”, conta Antônio Carlos.

Algumas (poucas) considerações finais

O receptor da comunicação de massa é um ser desmemoriado, escreve Ecléa Bosi. Ele tem pressa e avidez na leitura e nada retém “nesse tempo atulhado de objetos sem sentido e despovoado de memória”. Como cantava a argentina Susana Rinaldi, em um de seus recitativos, referindo-se aos tempos em que havia tempo para quase tudo, “después vinieron los relojes”: o tempo da inocência não nos pertence mais. É mais uma vez Ecléa Bosi quem ensina:

Então, qual a função da memória? Não reconstrói o tempo, não o anula tampouco. Ao fazer cair a barreira que separa o presente do passado, lança uma ponte entre o mundo dos vivos e o do além, ao qual retorna tudo o que deixou à luz do sol. Realiza uma evocação: o apelo dos vivos, a vinda à luz do dia, por um momento, de um defunto. É também a viagem que o oráculo pode fazer, descendo, ser vivo, ao país dos mortos para aprender a ver o que quer saber. A anámnese (reminiscência) é uma espécie de iniciação, como a revelação de um mistério. A visão dos tempos antigos libera-o, de certa forma, dos males de hoje (Bosi, 1999:89).

Esse exercício de reler a fotografia dos vinte funcionários do Fórum de Atibaia, naquele distante ano de 1929, foi a oportunidade de colocar em prática conceitos aprendidos

com as leituras de textos acadêmicos sobre a fotografia, como registro de memória e, por outro lado, como detonador desta mesma memória (Kossoy, Simson, Bosi). Sobretudo na tarefa atenta de ouvir e recuperar as lembranças dos personagens fotografados, por meio das recordações dos filhos e da nora de dois dos personagens que posaram para aquela imagem.

Depois de terminado esse trabalho acadêmico – isso ocorreu há sete anos –, fiz uma

cópia para entregar à senhora Lolita Engler de Almeida (falecida em 2003) e aos senhores Lia e Antônio Carlos de Toledo Santos. Ao ler o texto impresso, ambos exigiram correções e alterações em seus relatos: o que diriam os descendentes daqueles personagens, caso lessem o artigo, diante de algumas insinuações?, se preocupavam os três. Foram feitas então duas novas cópias, com as alterações pedidas de lado a lado. Esta versão recupera o frescor das versões originais.

Referências

- BARROS, Armando Martins de. “Educando o olhar: notas sobre o tratamento das imagens como fundamento na formação do pedagogo”. In: SAMAIN, Etienne (org.). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *Un art moyen, essai sur les usages sociaux de la photographie*. Paris: Les Editions de Minuit, 1965.
- JOLY, Martine. *Introduction à l'analyse de l'image*. Paris: Nathan, 1993.
- KOSSOY, Boris. “Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia”. In: SAMAIN, Etienne (org.). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- _____. *Realidade e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- LEITE, Miriam Moreira. “Retratos de Família: imagem paradigmática no passado e no presente”, in SAMAIN, Etienne (org.). *O fotográfico*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1998.
- _____. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1993.
- VERÓN, Eliseo. “Que voit-on du monde? Images dans le discours de l'Information”. *La Recherche Photographique* n° 7, 1989.
- VETTRAINO-SOULARD, Marie-Claude. *Lire une image: analyse de contenu iconique*. Paris: Armand Colin Éditeur, 1993.
- VILCHES, Lorenzo. *Teoría de la imagen periodística*. Barcelona: Paidós Ibérica, 1997.
- _____. *La lectura de la imagen*. Barcelona: Paidós, 1983.
- SARLO, Beatriz. *Tiempo pasado. Cultura de la memoria y giro subjetivo: una discusión*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2005.
- _____. *El imperio de los sentimientos: narraciones de circulación periódica en la Argentina*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2000.
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. “Imagem e memória”. In: SAMAIN, Etienne (org.). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.